

Carlos Alcalde Martín & Luísa de Nazaré Ferreira (coords.), *O sábio e a imagem. Estudos sobre Plutarco e a arte*. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra & Annablume Editora, Classica Digitalia, 2014, 191 pp. ISBN 978-989-26-0933-1.

JOAQUIM J. S. PINHEIRO (*Universidade da Madeira; Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra – Portugal*)⁴

Editado por Carlos Alcalde Martín e Luísa de Nazaré Ferreira, o volume reúne sete trabalhos dispostos em duas partes: ‘Parte I — Arte e iconografia em Plutarco’ e ‘Parte II — A *Vida de Alexandre Magno* na arte ocidental’. Enquanto os quatro trabalhos da Parte I procuram estudar as referências que Plutarco faz às artes (escultura, iconografia monetária, pintura e arte funerária) nas *Vidas* e nos *Tratados Morais*, os três estudos da Parte II dedicam-se a analisar a pervivência da figura de Alexandre Magno nas artes (pintura, tapeçaria e cinema).

O conjunto de estudos é precedido por um texto de apresentação de Suzanne Saïd, que sintetiza os principais temas tratados ao longo do volume, sem deixar de realçar o valor da obra de Plutarco, não só como fonte de informação, mas também pelo impacte que a sua recepção teve na cultura ocidental, da literatura à arte. Além de elogiar o contributo deste livro para a reflexão do tema da arte no *corpus* plutarquiano, na esteira de outros livros que têm sido publicados, sobretudo, nos últimos quinze anos, Suzanne Saïd — em concordância com L. Hardwick (2003), *Reception Studies, Greece and Rome*, Oxford — conclui que a evolução e a transformação dos estudos de recepção se devem mais ao destinatário desses estudos do que propriamente às fontes das obras.

A Parte I abre com o estudo de J. Ribeiro Ferreira (“As artes plásticas em Plutarco: três exemplos, quatro obras, três autores”) sobre três escultores gregos: Policlete, Silânion e Polieucto. A referência às esculturas em Plutarco ganha especial interesse pelo facto de essas peças de arte terem desaparecido, somente restando cópias romanas. A Policlete, mais do que à estátua do *Doríforo*, Plutarco refere-se duas vezes, em *Quaestiones convivales* 636B-C e *De profectibus in virtute* 86A. Nos dois textos, não se descreve a estátua, mas as dificuldades de concepção apontadas por Policlete, o que é

⁴ joaquim.pinheiro@staff.uma.pt.

interpretado como um sinal de que seria um trabalho de enorme exigência, sobretudo no que toca à simetria do todo e à modelagem dos pormenores da imagem, de forma a obter o belo. No caso de Silânion, são três as referências que o A. identifica na obra de Plutarco: uma sobre o retrato de Teseu, em *Theseus* 4, e duas a representar Jocasta a desfalecer, em *De audiendis poetis* 18C e *Quaestiones convivales* 674A; na biografia do herói ateniense, Plutarco aproveita para valorizar a superioridade da *paideia* sobre a arte da pintura ou da escultura, enquanto os outros dois textos mencionam a técnica de Silânion, que procuraria dar maior realismo à representação de Jocasta à beira da morte. Como o A. bem aponta, essa técnica, referida por Plutarco, levanta muitas dúvidas quanto à sua autenticidade. Por fim, os dois textos do *corpus* plutarquiano sobre o retrato de Demóstenes por Polieucto: *Demosthenes* 31.1 e *Vitae decem oratorum* 847A (tratado considerado espúrio). A par da simplicidade e do realismo do retrato do orador, o A. sublinha o papel que Polieucto terá tido na transformação do retrato grego, no sentido de transmitir o “homem interior” (p. 28), ou seja o seu *ethos*, que Plutarco tanto enfatiza nas biografias.

De seguida, Aurelio Pérez Jiménez (“Plutarco y la iconografía monetária antigua”) dedica o seu trabalho a estudar a importância que a iconografia numismática tem na obra de Plutarco, mais do que a interpretar o alcance metafórico das representações. Além de descrever e analisar a iconografia grega em Plutarco, selecionando várias referências, o A. procura, por essa via, determinar a metodologia de escrita do Queronense, que oscila, muitas vezes, entre mito e história. Detém-se, também, nas moedas do período da República, advertindo para o facto de ser complexo extrair conclusões consistentes ou uma ligação directa entre a iconografia numismática e factos que Plutarco descreve na sua obra. Este trabalho é muito enriquecido pela forma como o A. estabelece relações com catálogos e obras de numismática, bem como pelo conjunto de imagens anexas. Além de se sublinhar o interesse estético da moeda, sobressai a ideia da moeda enquanto fonte histórica, também para Plutarco.

Carlos Alcalde Martín (“Actitud de Plutarco y sus héroes ante la artes plásticas”) reconhece no seu estudo, em concordância com outros trabalhos sobre a presença da arte nas *Vidas* e nos *Tratados Morais*, que a escrita de

Plutarco não se detém em descrições pormenorizadas sobre obras de arte, mas antes se prefere salientar os feitos ou a virtude, em vez da arte (cf. *De gloria Atheniensium*). No fundo, as descrições de pintura ou escultura estão, na maioria das vezes, subordinadas à construção do *ethos* da personagem ou a reflexões mais de carácter filosófico. O A. identifica, correctamente, três funcionalidades dessas referências à arte (p. 73): 1) nas biografias, surgem como elemento de apoio à caracterização e à acção da personagem; 2) como esclarecimento metodológico de Plutarco, sobretudo nos prólogos das biografias; 3) finalmente, como parte da mensagem didáctico-moral de Plutarco. São vários os exemplos analisados de descrições estéticas, sobretudo na biografia de Péricles, ou de personagens que denotam sensibilidade para a arte, como Arato ou Demétrio. Numa outra secção, o A. analisa o papel da arte nas biografias de heróis romanos, como Marcelo, Fábio Máximo, Emílio Paulo, Catão Censor e Luculo, realçando as suas semelhanças e diferenças face à *paideia* grega. Resulta da análise do A. a capacidade de Plutarco em adaptar o material histórico às circunstâncias e ao momento da sua escrita.

O estudo de Marta González González (“El paisaje funerario griego a través de algunos textos de Plutarco (*Solón* 21.1,5-7; *Temístocles* 32.4-6; *Foción* 22.1-2)”) centra-se no estudo da arte funerária nos três textos indicados no próprio título. Tendo em conta a natureza do tema, a A. confronta diversas fontes literárias, mas também recorre a textos históricos e à própria arqueologia. No caso da biografia de Sólon, além das questões que o *corpus* das leis suscita, por nos ter chegado de forma fragmentária, não temos certezas quanto às consequências das reformas de Sólon na legislação funerária. Ainda assim, a A. entende que o facto de, a partir de meados do séc. VI a. C., o culto próprio dos túmulos com *Opferrinmen* ter desaparecido, se possa dever ao efeito da legislação de Sólon. Se assim for, tendo também em consideração significativas transformações sociais que houve nesse período, a arqueologia funerária constitui uma fonte de análise muito relevante, mesmo que os textos não sejam taxativos relativamente à alteração da forma de culto. Sobre o túmulo de Temístocles, juntam-se às dúvidas arqueológicas as diferentes lições das fontes literárias, quer quanto ao local, quer em relação ao tipo de túmulo. Para Plutarco, os restos mortais do herói

ateniense, que fora ostracizado, terão sido depositados no Pireu, numa cerimónia simples, mas num acto que tem, como a A. refere, um significado político. Por fim, o exemplo do monumento fúnebre de Pitonice, uma hetera, que Hárpalo mandou erigir, referido na biografia de Fócion. O texto não se distingue pelo pormenor descritivo do monumento, nem por tecer considerações sobre a condição social de Pitonice. Ao contrário de Pausânias e de Ateneu, Plutarco prefere salientar o custo excessivo do monumento, fazendo, assim, uma apreciação de carácter moral. Neste caso, a razão disso pode ser, segundo a A., a legislação de Demétrio de Falero.

De seguida, o estudo de Paulo Simões Rodrigues e Patricia Delayti Telles (“Alexandre e o corpo eterno do rei”) inicia a Parte II. À luz da interessante teoria dos dois corpos de Ernst H. Kantorowicz (1997), que distingue o corpo político e simbólico do corpo natural e mortal do monarca, analisam representações de Alexandre Magno nas artes visuais, entre os séculos XVI e XVIII. A par de Quinto Cúrcio Rufo e Arriano, Plutarco foi uma das principais fontes para a criação da imagem de Alexandre. Na verdade, a representação de Alexandre oscilou entre a imagem do herói estratega e conquistador e a do comandante egocêntrico, incapaz de se controlar em situações mais complexas. Além disso, como o estudo refere, ocorre uma alteração a partir do século XV: a representação do líder político ideal dá lugar à do herói militar. Em qualquer dos casos, as artes visuais ilustram a *imitatio Alexandri*, quer da dimensão política, como do comandante militar, com forte carga simbólica. De facto, em virtude dos contextos históricos e políticos, o corpo de Alexandre ganhará um das duas dimensões, sendo certo que para a Monarquia interessará mais a ideia da continuidade do rei, mesmo após a sua morte.

Luísa de Nazaré Ferreira (“Tapeçarias da *História de Alexandre Magno* no Museu de Lamego”), num trabalho que aproxima a literatura e a tapeçaria, ocupa-se do estudo das tapeçarias da *História de Alexandre Magno*, existentes no Museu de Lamego, datadas, provavelmente, dos finais do século XVII e oriundas das criativas manufacturas de Aubusson. Na verdade, como a A. demonstra, os cinco quadros a óleo de Charles Le Brun e o papel ímpar da Manufacture des Gobelins muito contribuíram para que Alexandre se assumisse como um das figuras históricas da Antiguidade

mais retratadas nos ateliês de tapeçaria da Europa. Com uma análise por-menorizada, percorre as tapeçarias da *História de Alexandre*, apontando diferenças e semelhanças em relação a outras tapeçarias que representam a mesma temática, sem deixar de prestar o devido relevo às fontes literárias, não só Plutarco, mas também Diodoro Sículo, Q. Cúrcio Rufo e Arriano. Na verdade, este trabalho sobre a recepção da figura de Alexandre é revelador da necessidade de cooperação entre literatura e arte para se avaliar a transmissão da obra de Plutarco na cultura europeia.

O último estudo deste livro pertence a Nuno Simões Rodrigues (“Alexandre entre paixões femininas e masculinas: digressões plutarquianas pelo cinema”), que também analisa a recepção da figura de Alexandre, mas na arte cinematográfica, em concreto nos filmes *Alexander the Great* (1956) e *Alexander* (2004), realizador, respectivamente, por R. Rossen e O. Stone. Revelando domínio das fontes antigas (Diodoro Sículo, Plutarco, Q. Cúrcio Rufo, Ateneu e Pseudo-Calístenes), o A. analisa como os referidos filmes exploram as relações erótico-amorosas que Alexandre manteve com mulheres e homens. Além dessas fontes literárias terem testemunhos diferentes sobre a sexualidade de Alexandre, é de notar que o objectivo não é descrever, com acribia, a vida amorosa de Plutarco, pelo menos nas fontes que nos chegaram, como é o caso da biografia que Plutarco escreveu. Comparando os dois filmes e tendo clara noção de que foram produzidos em épocas distintas, conclui este estudo que o filme de O. Stone valoriza mais a vida sexual de Alexandre, muito por causa do contexto de representação e das características das próprias audiências.

Como sucede em muitas obras desta natureza, por vezes falta alguma uniformidade. Chamamos, em especial, a atenção para os seguintes aspectos: nem sempre é o texto grego que antecede a tradução; a tendência para a tradução vir no corpo do texto alterna com alguns casos em que surge em nota de rodapé; os títulos das obras surgem, por vezes, citados de forma distinta (tanto em latim, como em tradução). Por qualquer razão que não poderá ser, seguramente, imputada aos editores, o nome da coautora de um dos estudos não é referido no Sumário. Trata-se, na verdade, de um livro que, sem a pretensão de abarcar toda a obra de Plutarco, vem contribuir para a valorização que a arte e a iconografia desempenham, sobretudo, nas

biografias. Além disso, realce-se o interesse desta publicação para os estudos de recepção, no Ocidente, da *Vida de Alexandre*. Com duas partes distintas, em que a segunda denota maior coerência temática, os sete estudos deste livro revelam um conhecimento sólido da obra de Plutarco, baseados em bibliografia actualizada. Saliente-se, ainda, a utilidade para o leitor do *index locorum* e do *index nominum*.